

# PRÁTICAS DE LIBERDADE DE ENFERMEIRAS MILITANTES PELA CONSTRUÇÃO DE OUTRAS MODALIDADES DE OBJETIVAÇÃO DA ENFERMAGEM

## FREEDOM PRACTICES OF NURSING ACTIVISTS FOR THE CONSTRUCTION OF OTHER NURSING OBJECTIFICATION MODALITIES

## PRÁCTICAS DE LIBERTAD DE ENFERMERAS MILITANTES POR LA CONSTRUCCIÓN DE OTRAS MODALIDADES DE OBJETIVACIÓN DE LA ENFERMERÍA

Deybson Borba de Almeida<sup>1</sup>  
Gilberto Tadeu Reis da Silva<sup>2</sup>  
Genival Fernandes de Freitas<sup>3</sup>  
Igor Ferreira Borba de Almeida<sup>4</sup>  
Isabel Cristina Kowal Olm Cunha<sup>5</sup>  
Simone Coelho Amestoy<sup>6</sup>

**Como citar este artigo:** Almeida DB, Silva GTR, Freitas GF, Almeida IFB, Cunha ICKO, Amestoy SC. Práticas de liberdade de enfermeiras militantes pela construção de outras modalidades de objetivação da enfermagem. Rev baiana enferm. 2018;32:e25099.

**Objetivo:** analisar práticas de liberdade de enfermeiras militantes. **Método:** pesquisa histórica, baseada no método de história oral com abordagem qualitativa, realizada com 11 enfermeiras que militaram/militam por questões profissionais desde a década de 1980 no estado da Bahia, Brasil. Os dados coletados em entrevistas semiestruturadas foram organizados no *software* n-vivo 10 e analisados com base na hermenêutica dialética. **Resultados:** identificadas possibilidades formativas e de resistência nas práticas de implicação com o mundo. **Conclusão:** as práticas de liberdade são geradoras de militância/militantes, havendo uma noção de dupla intencionalidade, que representa caráter dialético em si.

**Descritores:** Enfermagem. Política. Liderança. História da Enfermagem. Atitudes e prática em saúde.

*Objective: analyze freedom practices of nursing activists. Method: historical research, based on the oral history method with a qualitative approach, involving 11 nurses who have campaigned/campaign for professional issues since the 1980's in the state of Bahia, Brazil. The data were collected in semistructured interviews, organized in n-vivo 10 software and analyzed based on dialectical hermeneutics. Results: education and resistance possibilities*

<sup>1</sup> Enfermeiro. Doutor em Enfermagem. Docente da Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, Bahia, Brasil. deybsonborba@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Enfermeiro. Doutor em Ciências. Professor titular da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. Salvador, Bahia, Brasil.

<sup>3</sup> Enfermeiro. Doutor em Enfermagem. Professor titular da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil.

<sup>4</sup> Cirurgião-dentista. Salvador, Bahia, Brasil.

<sup>5</sup> Enfermeira. Doutora em Saúde Pública. Professora Associada do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil.

<sup>6</sup> Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Adjunta da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. Salvador, Bahia, Brasil.

*were identified in the practices of involvement with the world. Conclusion: the freedom practices generate activism/activities, with a notion of double intentionality that by itself has a dialectical nature.*

*Descriptors: Nursing. Policy. Leadership. History of Nursing. Health Attitudes. Practice.*

*Objetivo: analizar prácticas de libertad de enfermeras militantes. Método: investigación histórica, basada en el método de historia oral con aproximación cualitativa, desarrollada con 11 enfermeras que militaron/militan por cuestiones profesionales desde la década de 1980 en el estado de Bahía, Brasil. Los datos recolectados en entrevistas semiestructuradas fueron organizados en el software n-vivo 10 y analizados con base en la hermenéutica dialéctica. Resultados: identificadas posibilidades formativas y de resistencia en las prácticas de implicación con el mundo. Conclusión: las prácticas de libertad generan militancia/militantes, con una noción de doble intencionalidad, que por sí mismo representa carácter dialéctico.*

*Descritores: Enfermería. Política. Liderazgo. Historia de la Enfermería. Actitudes y Práctica en Salud.*

## Introdução

Na área da enfermagem, a militância política é concebida como aspecto essencial para trilhar o caminho da mudança, mediante uma visão integral, comprometida e ética política e socialmente com o ser humano e a sociedade. Deve ser evitada a acomodação e a exagerada aceitação sem questionamento, o que faz da profissão, muitas vezes, uma prática repetitiva e sem criatividade<sup>(1)</sup>. Contudo, identificou-se que a formação em Enfermagem permanece predominantemente fundamentada no modelo clínico, guiada por uma concepção de saúde/doença médico-centrada, com foco na cura, biologicista, altamente especializada, fragmentada, repercutindo, assim, as fragilidades na dimensão política da formação<sup>(2)</sup>.

Isto ocorre por questões históricas expressas na profissionalização da Enfermagem, que nasce vinculada ao saber da medicina e da atenção institucionalizada. Além disso, ainda sobre a história, esta área está cingida pela divisão técnica e social do trabalho, com questões conflitivas que emergem cotidianamente entre médicos e enfermeiras, enfermeiras e pacientes, enfermeiras e técnicas ou auxiliares de Enfermagem e técnicas e auxiliares entre si<sup>(3)</sup>.

Outra consequência dos aspectos da gênese da profissão é a fragilidade da dimensão política, expressa nos problemas cotidianos com a humanização do cuidado em Enfermagem/Saúde, repercutindo na necessidade do reconhecimento da dimensão ético-política desse

processo que apresenta aspectos centrais: cuidar para conhecer, cuidar para confrontar e cuidar para emancipar. Nesse contexto, emerge a dúvida: Como podemos assessorar os usuários dos serviços de saúde a se emanciparem, se não conseguimos compreender a dimensão política do processo de trabalho em enfermagem<sup>(4)</sup>?

Agrega-se a esta problematização três estudos: o primeiro trata da história da enfermagem e considera que a formação caminhou para sustentar a centralidade do Hospital e do poder biomédico, bem como possibilitar práticas de submissão e exploração do trabalho<sup>(1)</sup>; o outro estudo afirma que existe, entre as enfermeiras, uma tradição no exercício obediente, inicialmente exigido por questões religiosas e de gênero e no estereótipo de uma profissional competente, evidenciando que a obediência pode ser algo ensinado, aprendido e cultivado na enfermagem<sup>(5)</sup>; por fim, outra pesquisa identifica uma visão restrita das enfermeiras quanto ao seu papel político, de participação política incipiente, de pouca valorização quanto a esta forma de participação, mesmo quando essas ocupam espaços diferentes, relevantes e de caráter político-técnico<sup>(6)</sup>.

Nesse contexto, este estudo busca analisar práticas de liberdade de enfermeiras militantes. Em outras palavras, busca entender como enfermeiras formadas por modelos predominantemente hegemônicos rompem com modos de

dominação e quais são as possibilidades das práticas de liberdade guiadas por uma concepção foucaultiana e pela hermenêutica dialética.

Neste ponto, cabe a concepção de práticas da liberdade que são anticoloniais, pois buscam dissolver identidades, pactos e modelos estabelecidos na sociedade. Nesse movimento, a história é plena de choques, desvios, destruição, mascaramentos, acoplamentos que são como o relâmpago no céu escuro, isto é, não há estabilidade nas relações de dominação e, em cada momento, são produzidos “raios” pequenos ou grandes que riscam o céu<sup>(7)</sup>.

Em outro ponto, ao considerar a justificativa deste estudo e as investigações realizadas sobre essa temática no acervo da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), ao inserir a palavra de busca “Militância Política”, encontraram-se 53 pesquisas; ao inserir o termo “Enfermagem”, detectou-se uma pesquisa relacionada ao movimento estudantil; quando foram acrescentados os termos “enfermeiro” e “enfermeira”, não foi encontrada qualquer produção acadêmica. O mesmo ocorreu quando se buscou pelos termos “engajamento político e ativismo”. Ao efetuar a busca com o termo “Política”, identificou-se um total de 222.810 trabalhos. Com os termos “Política e Enfermagem”, foram observadas 13.367 produções científicas e, quando associados à palavra “Enfermeira”, 3.954 estudos. Com o termo “Enfermeiro”, este número caiu para 2.634.

Na literatura cinza disponível no Portal de Periódicos da Capes foram encontrados, com o termo de busca “Militância Política”, 74 estudos, mas, quando incorporados os termos “Enfermagem”, “enfermeiro” e “enfermeira”, não foram detectadas pesquisas. Utilizando a palavra “Política”, foram identificados 10.090 trabalhos. Com os termos “Política” e “Enfermagem” foi possível observar 144 pesquisas e quando se associou à palavra “Enfermeira”, houve um total de 13 estudos. Já a busca com o termo “Enfermeiro” resultou em 43 produções científicas.

Tais achados revelam a dimensão do tema política tanto na área da saúde quanto da Enfermagem em particular, com significativo número de estudos. Por outro lado, expressam lacuna

do conhecimento, quando se pensa no engajamento, na militância e no ativismo na profissão.

Por fim, cabe mencionar que este estudo é produto de uma tese de doutoramento que se baseou no referencial teórico de Michel Foucault, filósofo que buscou entender o sujeito em todas as suas dimensões. O objetivo do estudo é analisar as práticas de liberdade de enfermeiras militantes.

## Método

Trata-se de um estudo de caráter qualitativo, baseado no método de História Oral, que se caracteriza como uma abordagem sistemática por meio de coleta, organização e avaliação crítica de dados que têm relação com ocorrências do passado. Alguns passos são considerados essenciais à produção de um trabalho histórico: definição, justificativa e delimitação do tema; objetivos da pesquisa; quadro teórico e hipóteses; coleta de dados fontes; crítica e validação dos dados; e análise e interpretação dos dados<sup>(8)</sup>.

O método de história oral permite estabelecer relações de maior qualidade e profundidade entre o pesquisador e os participantes do estudo. Nesta pesquisa, visamos revelar as narrativas, que se configuram como do tipo biográfico, representando uma possibilidade de análise discursiva<sup>(9)</sup>.

Neste estudo foram utilizadas as técnicas de entrevista semiestruturada e a da bola de neve, por meio das quais objetivou-se identificar e ter como participantes do estudo tanto enfermeiras que foram presidentes da ABEn e do Sindicato dos Enfermeiros do Estado da Bahia (SEEB), Brasil, como as que não exerceram cargos de Presidentes da ABEn ou Sindicato, mas tiveram ou têm uma militância reconhecida socialmente.

Sob o ponto de vista operacional, a coleta de dados ocorreu em dois momentos:

a) no primeiro, para indicação das “sementes”, com base em um único critério de inclusão: o exercício de mandato presidencial na Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) – Seção Bahia e/ou no Sindicato dos Enfermeiros

do Estado da Bahia (SEEB), a partir da década de 1980 até 2015;

b) no segundo momento, para indicação das filhas(os) das “sementes”, mediante alguns critérios preestabelecidos: ser enfermeira; militar por questões políticas específicas da profissão, bem como pela valorização, visibilidade, respeito e reconhecimento profissional, por período de, no mínimo, um ano, de forma sistemática, regular e reconhecida socialmente, devendo abranger o período a partir da década de 1980 até 2015; e assumir e participar de movimentos e mobilizações sociais e públicos na enfermagem.

Como critério de exclusão, estabeleceu-se o limite de cinco tentativas de contato para agendamento das entrevistas; após essa diligência, a militante era excluída da amostra, o que ocorreu com duas pessoas. Nos demais, a coleta de dados foi suspensa no momento em que houve saturação das respostas.

O recorte temporal foi a partir da década de 1980 até 2015, devido à efervescência dos movimentos sociais nessa época e por acreditar-se que esse momento poderia colaborar com a expressão da militância política. Já sobre o recorte espacial deveu-se à existência de registros da expressão do movimento político das enfermeiras baianas no cenário nacional e internacional.

O cenário do estudo é o estado da Bahia, localizado na Região Nordeste do Brasil, com área de 564.733,081 km<sup>2</sup>, o quinto em extensão no território nacional. A população estimada em 2015 corresponde a mais de 15 milhões de habitantes<sup>(10)</sup>. Em consulta ao Conselho Regional de Enfermagem, seção Bahia, constatou-se a existência de 17 mil auxiliares de enfermagem, cerca de 60 mil técnicos de enfermagem e aproximadamente 27 mil enfermeiras, totalizando mais de 104 mil profissionais na área<sup>(11)</sup>.

Quanto à coleta dos dados, após contato telefônico e agendamento prévio, as entrevistas ocorreram individualmente em ambiente privado, conduzidas por profissional treinado e habilitado, com duração aproximada de 3 horas. Os dados foram coletados no período de julho a dezembro de 2015. Utilizou-se um roteiro de

entrevista dividido em quatro blocos: questões sociodemográficas; militância política na enfermagem, correlacionando-a aos movimentos sociais do período pesquisado; processo de eleição dos representantes formais da enfermagem; e história de vida do sujeito militante. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas na íntegra.

Dez enfermeiras e um enfermeiro participaram da pesquisa, contudo, por questões de gênero, adotou-se o termo no feminino. Para identificação das falas, optou-se pelo emprego da expressão Rosa dos Ventos, com a licença poética da música de Chico Buarque de Holanda, seguida do número arábico correspondente à ordem de realização das entrevistas.

Para analisar os dados, utilizou-se o método da Hermenêutica Dialética baseado na Sociologia Compreensiva, que contém dois aspectos fulcrais: a teoria da experiência e a teoria da reconstrução. Buscou-se, com base na experiência do vivido pelas militantes políticas da enfermagem, identificar as práticas de liberdade na direção de outras modalidades de objetivação, para se contrapor à lógica de sujeição e subalternidade existente na profissão<sup>(12)</sup>.

Do ponto de vista operacional, a análise dos dados coletados nas entrevistas obedeceu às seguintes etapas:

a) nível das determinações fundamentais – fase exploratória da investigação;

b) ordenação dos dados – sistematização de todos aqueles coletados;

c) classificação dos dados – em que é preciso compreender que esses não existem por si só, mas são construídos pelo exercício de questioná-los, com base nos fundamentos teóricos;

d) análise final – momento em que se estabelece a articulação entre os dados coletados e os referenciais teórico-filosóficos da pesquisa<sup>(12)</sup>.

Na etapa de ordenação dos dados, recorreu-se ao *software N vivo 10 for Windows*, a fim de organizar trechos das falas por núcleos de sentido. Este programa é amplamente utilizado em pesquisas em saúde de abordagem qualitativa, inclusive em outras áreas, como a Antropologia,

e em diversos países, a exemplo da Austrália e do Reino Unido.

Após essa etapa, o confronto do referencial teórico-filosófico consultado com as possibilidades apontadas no *software n-vivo*, possibilitou a construção da categoria de análise – As práticas de liberdade de enfermeiras pela construção de outras modalidades de objetivação da enfermagem – e de suas respectivas subcategorias: Possibilidade formativa, Possibilidade na resistência e Possibilidade nas práticas de implicação com o mundo.

No estudo em questão, por meio da pré-análise dos dados, adotou-se o modo de objetivação das práticas de libertação reveladas no cotidiano das militantes, o que tornou imprescindível discutir

módulos conceituais – liberdade e poder – considerados chave na concepção foucaultiana.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal da Bahia, Escola de Enfermagem, sob protocolo CAEE n. 28775614.2.0000.5531, datado de 27 de maio de 2014. O processo de pesquisa obedeceu aos preceitos éticos preconizados em resolução sobre ética em pesquisa.

## Resultados

Após a análise das convergências, divergências, complementaridades e diferenças dos dados, foram identificadas três possibilidades nas práticas de liberdade: formativa, resistência e práticas de implicação com o mundo (Quadro 1).

**Quadro 1** – Práticas de liberdade de enfermeiras pela construção de outras modalidades de objetivação da enfermagem. Salvador, Bahia, Brasil

(continua)

Corpus	Síntese
<p>[...] <i>mas ia para praça para ver tudo acontecer [...] nessa minha idade que é nove, dez anos [...] me lembro do Wali Salomão que [...] subia no banco da praça ou falava textos dele ou recitava poesias [...] os anos quase todos de universidade, eu era de um grupo de teatro amador [...] não me restringia a vir para escola. Então minha convivência era com pessoas de vários lugares e o grupo de teatro era um grupo pra fazer política. Nós criávamos as peças, nós tivemos uma peça censurada pela polícia. Nós criávamos os textos e apresentávamos pela periferia de Salvador e pelo interior da Bahia com a união dos estudantes [...] aí eu me filiei ao clube de cinema [...] eu sempre li muito, claro que isso deve ter ajudado, e li bons livros. Eu lia literatura, eu lia qualquer coisa de título curioso que me caísse nas mãos [...]</i> (Rosa dos Ventos 6).</p>	<p>Possibilidade Formativa</p>
<p>[...] <i>quando você participa de um congresso internacional, como tive a oportunidade de participar, você vê que a realidade dos 170 países é completamente diferente uma da outra e que o Brasil, em termos da relação com os Estados Unidos, nós somos muito mais avançados em termos críticos e de posições políticas que as enfermeiras americanas; elas desenvolveram a competência técnica, muito na questão do cuidado, dessas coisas. Tanto que a pessoa que coordenou esse projeto, que eu fui a mentora, ela dizia: "Discutir com América Latina é mais difícil do que com países Europeus e países africanos. Vocês são muito críticos." De fato, é mesmo!</i> (Rosa dos Ventos 10).</p>	
<p>[...] <i>eu digo toda hora que, para mim, foi a maior escola de formação foi a ABEn. É ali que eu vi os problemas da enfermagem cotidiana. Ali eu pude olhar a grandeza da própria Enfermagem do ponto de vista daquilo que ela pode e deve fazer pela comunidade [...] com certeza, eu acho que a riqueza de aprendizado, duas coisas, para mim, foram fundamentais em termos da minha formação, a partir do momento que eu comecei a estudar gênero e a compreender melhor por essa perspectiva a vida em sociedade e a militância da Associação Brasileira de Enfermagem [...]</i> (Rosa dos Ventos 11).</p>	

**Quadro 1** – Práticas de liberdade de enfermeiras pela construção de outras modalidades de objetivação da enfermagem. Salvador, Bahia, Brasil

(continuação)

<b>Corpus</b>	<b>Síntese</b>
<p><i>Foi uma ruptura com a religião católica [...] e o momento que eu compreendi o papel que era a igreja católica [...] no momento em que eu vi que aqueles pressupostos daquela religião eram coisas muito ruins e que queria compreender porque que eu tinha bonecas e porque aquela criança ali do lado não tinha, porque que eu morava numa casa, ia pra escola, tinha comida, tinha roupa [...] Eu identifico, nesse dia, eu disse eu não quero mais, eu quero outra coisa, eu me lembro falando comigo mesma, eu não quero mais saber da religião, porque ela é uma coisa que embota, me oprime [...] (Rosa dos Ventos 6).</i></p>	<p>Possibilidade da resistência</p>
<p><i>[...] [fala sobre o convite de um novo emprego] a cidade não tinha um calçamento, não tinha luz, você não podia sair, não podia nem ler, porque de noite era luz de vela. Eu disse: Ah, eu não me formei para isso, não gosto da área, não gosto da área, fui porque era um salário maior do que todos esses salários existentes fiz a entrevista, aceitaram e eu fui pra lá, da minha turma foram umas cinco, todas ficaram, menos eu. (Rosa dos Ventos 1).</i></p>	
<p><i>[...] militante e, posteriormente, entrei para ABEn e junto com grupo de militantes da ABEn, começamos a discutir a necessidade de mudar o formato da entidade no que tange aos seus congressos nacionais, que eram conduzidos por laboratórios. As eleições, sem nenhuma participação, e a condução das discussões sem nenhuma democracia e transparência. Havia um grupo de simpatizantes que também participava, que era da Bahia, independente, sem filiação partidária. Criamos, assim, uma luta dentro dos sindicatos, que posteriormente, com a participação das lutas na Bahia, me levou a ser candidata na chapa de 84 que não tomou posse e fui vice na de 86 e finalmente na 89 e 92 assumi como presidente [...] (Rosa dos Ventos 10).</i></p>	

**Quadro 1** – Práticas de liberdade de enfermeiras pela construção de outras modalidades de objetivação da enfermagem. Salvador, Bahia, Brasil (conclusão)

<b>Corpus</b>	<b>Síntese</b>
<p>[...] <i>ah porque a autarquia ela só tem que fiscalizar e regulamentar o exercício profissional?! Eu tô com uma máquina dessas, desse tamanho na mão sou uma pessoa cidadã, uma cidadã de direito preocupada, que tenho preocupações políticas e sociais, como é que eu vou para um lugar pra falar apenas do nosso código de ética [...] eu vou lá falar do Sistema Único de Saúde, do direito, da acessibilidade, da participação política, da militância política, da conjuntura, entendeu? Da situação da enfermagem porque ela tá nessa situação hoje, das várias alternativas que as pessoas têm de engajamento, entendeu? Eu não posso tá com uma máquina dessa e não vou fazer como os outros fazem, usar em proveito próprio, mas colocar a serviço de, então assim, eu tenho que colocar a serviço da sociedade e, principalmente da enfermagem, toda essa estrutura que a gente tem aqui dentro do Conselho [...]</i> (Rosa dos Ventos 3).</p>	<p>Possibilidade nas práticas de implicação com o mundo</p>
<p>[...] <i>minha mãe [muito] religiosa, isso que eu queria dizer. Bem, ela tinha uma promessa e ela fazia distribuição de cesta aos pobres. Então eu fui habituada a ver e a fazer isso, então, com 14 anos, comecei a trabalhar no morro, antigamente chamado de Chame-Chame e Calabar, era um morro que tinha uma população muito pobre. Subindo e descendo morro, todo sábado para dar assistência e catequizar, brincava com as crianças, levava remédio para o pessoal. Formamos um grupo de jovens que, além de trabalhar no morro, fazíamos teatro nas escolas públicas e reuníamos jovens para assistir conferencistas comprometidos com nossas ideias [...]</i> como as diferenças nos marcou, marcou muito, marcou minha vida muito, compreender de que existem pessoas sofrendo, me lembro de uma mulher morando em um casebre com três filhos, ela tinha passado a noite inteira com as costas no buraco porque estava chovendo para não molhar os filhos, então, muitas histórias de vida me marcaram. (Rosa dos Ventos 10).</p>	
<p>[...] <i>quando eu pensei em fazer enfermagem já pensava em trabalhar na área da mulher mesmo. Sempre achei que obstetrícia é um caminho e que eu gostaria de estar trabalhando com as mulheres. Agora eu vejo muito mais assim, de um engajamento, de estar na luta com o outro, com o outro que não tem condições. Vem muito de história familiar minha [...] então eu já vinha com uma mobilização em termos do trabalho. Com as pessoas e de buscar, que as pessoas pudessem ser menos excluídas, que tivessem mais acessos. Já de uma coisa que era minha de formação, de pessoa, e por isso mesmo me engajei nesse tipo de projeto [...]</i> A outra experiência, assim, de pensar em um novo modelo de atenção, também surgiu para mim, ainda eu estudante de enfermagem, quando a gente fez a disciplina de saúde rural, a professora, ela tinha um projeto financiado pela Fundação Kellogg, que era município de Cruz das Almas, onde ela fez uma primeira proposta de integração de ações de saúde. (Rosa dos Ventos 11).</p>	

Fonte: Elaboração própria.

## Discussão

Inicialmente será discutida a possibilidade formativa para práticas de liberdade. As falas apontam espaços e vivências formativas que

podem contribuir com a militância política, que variam desde as características intrínsecas do sujeito até suas vivências com coletivos.

Aspectos característicos do sujeito, tais como gosto pela leitura, pela poesia, teatro e cinema,

podem favorecer a formação de um sujeito militante. Também a participação nos movimentos sociais revela-se uma possibilidade formativa para o sujeito militante, em destaque: Reforma Sanitária, implementação do Sistema Único de Saúde e o Movimento Participação. Os discursos também destacam o desenvolvimento de atividades representativas de coletivos e o entendimento dos grupos vulneráveis como dispositivos geradores de militância política.

No entanto, apesar das possibilidades destacadas, faz-se necessário assinalar o esforço das organizações reguladoras da sociedade para impedir as práticas de liberdade. Nesse sentido, estabelece-se, naturalmente, um princípio de coerção no ensino, mediante a criação de uma educação padronizada. Há um esforço para organizar um corpo médico e um quadro hospitalar que façam funcionar normas gerais de saúde, a exemplo da vigilância; a regulamentação é um dos instrumentos de poder<sup>(13)</sup>. Busca-se um corpo social homogêneo, mas que exerça um papel de classificação, hierarquização e distribuição de lugares. Em certo sentido, o poder de regulamentação obriga à homogeneidade, individualiza, permitindo medir os desvios, determinar os níveis, fixar as especialidades e tornar úteis as diferenças, ajustando-as umas às outras. Compreende-se que o poder da norma funciona facilmente em um sistema de igualdade formal, pois, segundo uma homogeneidade que é a regra, ele introduz, como um imperativo útil e resultado de uma medida, toda a gradação das diferenças individuais.

Outra questão apontada foi a participação política durante a efervescente década de 1960. Segundo alguns estudos, o poder encontra-se em mecanismos positivos, produtores de saber, multiplicadores de discursos, indutores de prazer e geradores de mais poder<sup>(14)</sup>. Conforme a perspectiva foucaultiana, o exercício do poder não é simplesmente uma relação entre parceiros individuais e coletivos; é um modo de ação de alguns sobre outros. O poder só existe em ato. O que define a relação de poder é um modo de ação que não age direta e imediatamente sobre

os outros, mas age sobre sua própria ação. O poder só se exerce sobre sujeitos livres<sup>(15)</sup>.

Ponto de partida do saber moderno, o indivíduo é concebido como sujeito ativo, autor de seu próprio ser, destinado à revolução, à liberdade ou à conquista da natureza. É no interior de um projeto que seu ser deve se realizar, que o Homem ou a Mulher revelam-se como sujeitos, construindo-se a si próprios. É no interior do projeto que os obstáculos à realização da mulher e do homem deverão ser analisados, como outras tantas figuras de sua finitude: a alienação, a morte, o inconsciente<sup>(16)</sup>.

Outro aspecto destacado no rol dos enunciados foi o relato de Rosa dos Ventos 11, ao pontuar a dimensão da prática junto à ABEn e sua representação formativa como mulher e enfermeira. Nesse aspecto, reforça-se a assertiva de que as militantes constituem-se em vivências organizativas e de sociabilidade. Portanto, a educação deve ser repensada como instrumento de conscientização da futura trabalhadora da enfermagem, bem como partir do reconhecimento de que a tomada de consciência não é espontânea e não decorre apenas de leituras ou de reflexões, mas brota do seio das lutas que ocorrem, fundamentalmente, na estrutura social e são viabilizadas no âmbito dos partidos políticos, das organizações de trabalhadores e da escola<sup>(17)</sup>.

Contudo, em um estudo que versa sobre a formação da enfermeira, reforçam-se as características da supervalorização da postura e da moral em detrimento do conhecimento técnico e que tal aspecto contribuiu para a desvalorização, por ser uma profissão de mulheres e não possuir um objeto próprio de saber<sup>(18)</sup>.

Outra subcategoria identificada nos enunciados discursivos foi a possibilidade de resistência, exemplificada pelas militantes, tanto com relação à religião católica, aos estereótipos e às normas sociais, ao capital, no campo estudantil, como no profissional e em específico na Associação Brasileira de Enfermagem.

Em sentido conceitual, o termo resistência, na concepção foucaultiana, exprime uma exterioridade provisória ao sistema de saber/poder; ela se dá onde há poder, porque é inseparável das

relações de poder. Acontece que ela estabelece as relações de poder exatamente quando ela é o resultado, sendo a possibilidade de abrir espaços de luta e de administrar possibilidades de transformação por toda parte<sup>(19)</sup>.

Em específico, ao considerar o Movimento Participação (MP), que ocorreu entre 1980 e 1990, identificou-se que tal movimento possibilitou que as enfermeiras refletissem sobre seu trabalho, sua organização e sua participação na luta pela redemocratização do país e pelo direito à saúde<sup>(20)</sup>. Esse acontecimento, mesmo sendo na ABEn nacional, decorreu do movimento militante no estado da Bahia, conforme relato de Rosa do Ventos 10, quando afirma que a Bahia, Santa Catarina e Rio Grande do Norte assumiram protagonismo no Movimento Participação. O MP é um movimento de resistência. Resistência do aparelhamento da entidade em prol da indústria farmacêutica e hospitalar, que gerou a possibilidade de pensar e executar uma exposição tecnológica para a Enfermagem. Por isso, é abordado neste estudo.

Nesse sentido, segundo Foucault<sup>(21)</sup>, é preciso saber reconhecer os acontecimentos da história, seus abalos, suas surpresas, as vacilantes vitórias, as derrotas mal digeridas, que dão conta dos atavismos e das hereditariedades. Da mesma forma, é preciso saber diagnosticar as doenças do corpo, os estados de fraqueza e de energia, suas rachaduras e suas resistências para avaliar o que é um discurso filosófico; e o MP foi um movimento que representou uma tentativa de libertação das enfermeiras frente a uma Associação que não lhes representava.

A explicitação de Foucault, entretanto, não coloca a substância da resistência em face de uma substância do poder. Diz, simplesmente, que a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais alguém é aprisionado pelo poder; pode-se sempre modificar a dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa.

Ainda nesta subcategoria, da possibilidade da resistência, destacam-se três histórias de resistência presentes nos discursos: uma que trata

de resistência à religião católica; outra que diz respeito à precarização do trabalho e do sistema capitalista; e, por último, ocorrência de práticas centralizadoras e antidemocráticas, seja na Escola, seja na ABEn.

Na última subcategoria, foi identificada a possibilidade de liberdade/libertação nas práticas de implicação com o mundo, pois tais ações são representações também de relações de poder e modificantes/modificadas pelo sujeito da ação, no caso do estudo, mulheres que militam no campo profissional. Os achados versam sobre a constituição de mulheres militantes por meio do convívio com as diferenças, apontando para o sentido de estar na luta com o outro e nas ações de contribuição para um mundo e uma Enfermagem melhores.

Este estudo apresenta como limitações poucos trabalhos publicados para serem utilizados como base teórica, bem como os paradigmas positivista e biologicista como dominantes que repercutem na dificuldade de validar uma pesquisa histórica, feita com enunciados discursivos de enfermeiras que fizeram a história da enfermagem e da saúde coletiva no estado da Bahia, Brasil.

## Conclusão

Ao analisar as práticas de liberdade de enfermeiras pela construção de outras modalidades de objetivação da enfermagem, conclui-se que atos de implicação com o mundo, a sociedade e a enfermagem são gerados/geradores de/pela militância/militantes, guardando uma noção de dupla intencionalidade, que representa caráter dialético em si.

Considerando as práticas de liberdade como possibilidade, reconhecendo os limites dos processos históricos, econômicos e sociais e que esses abrem um campo para novas relações de poder, que devem ser controladas por intermédio delas mesmas, o estudo aponta para a constituição de sujeitos militantes por meio de modos de objetivação/subjetivação da enfermagem, de práticas que tenham como eixo central a formação, a resistência e as práticas de implicação com o mundo.

No plano das diferenças encontradas nesta análise, foi identificado que, apesar da centralidade da pedagogia tradicional no ensino em enfermagem, há vivências formativas na Escola que colaboraram com a formação militante. Por outro lado, a consonância das histórias orais apresentadas constitui um eixo horizontal nos processos de sociabilidade e de convívio com as diferenças e em espaços democráticos. Como recorte vertical, as histórias de vida articulam-se com a Reforma Universitária, Reforma Sanitária, democratização do país, Sistema Único de Saúde e Movimento de Participação.

### Colaborações:

1. concepção, projeto, análise e interpretação dos dados: Deybson Borba de Almeida, Gilberto Tadeu Reis da Silva, Genival Fernandes de Freitas e Igor Ferreira Borba de Almeida;
2. redação do artigo e revisão crítica relevante do conteúdo intelectual: Isabel Cristina Kowal Olm Cunha e Simone Coelho Amestoy;
3. aprovação final da versão a ser publicada: Deybson Borba de Almeida, Gilberto Tadeu Reis da Silva, Genival Fernandes de Freitas, Igor Ferreira Borba de Almeida, Isabel Cristina Kowal Olm Cunha e Simone Coelho Amestoy.

### Referências

1. Geovanini T, Moreira A, Schoeller SD, Machado WCA. História da enfermagem: versões e interpretação. 3a ed. Rio de Janeiro: Revinter; 2010.
2. Collière MF. Promover a vida das práticas das mulheres de virtude aos cuidados de Enfermagem. Coimbra (PT): Lindel; 1999.
3. Braverman H. Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX. 4a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1983.
4. Pires MRGM. Politicidade do cuidado como referência emancipatória para a enfermagem: conhecer para cuidar melhor, cuidar para confrontar, cuidar para emancipar. Rev Latino-am Enfermagem [Internet]. 2005 set-out [cited 2017 Feb 5];13(5):729-36. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v13n5/v13n5a18.pdf>
5. Passos E. De anjos a mulheres: ideologias e valores na formação de enfermeiras. 2a ed. Salvador: EDUFBA; 2012.
6. Melo CMM, Santos TA. A participação política de enfermeiras na gestão do Sistema Único de Saúde em nível municipal. Texto Contexto Enferm [Internet]. 2007 jul-set [cited 2017 Feb 5];16(3):16-23. Available from: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-07072007000300007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072007000300007)
7. Pez TDP. Pequena análise sobre o sujeito em Foucault: a construção de uma ética possível. In: Anais do 7º Congresso da Especialização em Ensino da Sociologia; 2015; Londrina (PR): UEL; 2015. [cited 2017 Feb 5]. Available from: <http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/arqtxt/resumos-anais/TiarajuDPPez.pdf>
8. Padilha ICS, Boresnstein MS. O método de pesquisa histórica na Enfermagem. Texto Contexto Enferm [Internet]. 2005 out-dez [cited 2015 Jan 12];14(4):575-84. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v14n4/a15v14n4.pdf>
9. Meihy JCSB, Holanda F. História oral: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto; 2007.
10. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2009 [internet]. Rio de Janeiro: 2014 [cited 2014 Jan 12]. Available from: <https://sidra.ibge.gov.br/home/ipca15/brasil>
11. Conselho Regional de Enfermagem – Seção Bahia (BR). Consulta ao conselho com relação ao quantitativo de profissionais – 2014 [internet]. Salvador; 2014 [cited 2014 Jan 12]. Available from: <http://ba.corens.portalcofen.gov.br/conselhoregional>
12. Silva TOS, Nascimento MAA, Alencar BRA. Hermenêutica Dialética: uma experiência enquanto método de análise na pesquisa sobre acesso do usuário à assistência farmacêutica. Rev Bras Promoção Saúde [Internet]. 2012 abr-jun [cited 2015 Feb 15];25(2):243-50. Available from: <http://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/2236>
13. Portocarrero V. Governo de si, cuidado de si. Currículo sem Fronteiras [Internet]. 2011 jan-jun [cited 2015 Jan 12];11(1):72-85. Available from: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss1articles/portocarrero.pdf>
14. Pogrebinschi T. Foucault, para além do poder disciplinar e do biopoder. Lua Nova [Internet]. 2004 [cited 2015 Jan 12];63:179-201. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n63/a08n63.pdf>

15. Foucault MA. *Hermenêutica do sujeito: curso dado no College de France (1981-1982)*. São Paulo: Martins Fontes; 2006.
16. Bruni JC. Foucault: o silêncio dos sujeitos. *Tempo Social; Rev Sociol USP*. 1989;1(1):199-207.
17. Almeida DB. *Constituição de enfermeiras militantes: um estudo histórico e foucaultiano [tese]*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-graduação em Enfermagem; 2017.
18. Almeida DB, Queirós PJP, Silva GTR, Laitano ADC, Almeida SS. Estereótipos sexistas na enfermagem portuguesa: um estudo histórico no período de 1935 a 1974. *Escola Anna Nery [Internet]*. 2016 abr-jun [cited 2016 Jan 19];20(2):131-9. Available from: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S14148145201600020022](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S14148145201600020022)
19. Revel J. *Dicionário Foucault*. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2011.
20. Albuquerque GL. *O Movimento Participação na Associação Brasileira de Enfermagem – Seção Santa Catarina, na visão de suas principais lideranças [tese]*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Enfermagem; 2001.
21. Foucault M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal; 1998.

Recebido: 14 de dezembro de 2017

Aprovado: 2 de abril de 2018

Publicado: 27 de junho de 2018



A Revista Baiana de Enfermagem utiliza a Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional. <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

Este artigo é de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons (CC BY-NC).

Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais e, embora, os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.